



CNM-CUT Internacional

Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT Ano V nº 28 21.07.2005

Criado comitê nacional na Volkswagen

Encontro realizado neste final de semana decidiu pela criação do Comitê Nacional dos Trabalhadores na Volks. A nova representação reúne 28 mil trabalhadores nas plantas de Curitiba, Resende, Taubaté, São Carlos e São Bernardo.

Numa tentativa de negociar de forma unificada as questões que envolvem a montadora, foi criado o Comitê Nacional dos Trabalhadores da Volkswagen, integrado por dirigentes sindicais e membros das comissões de representação das cinco fábricas da empresa no país. O grupo reunirá membros da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e da Força Sindical.

A escolha dos representantes desse comitê acontecerá numa reunião às 10h da próxima sexta-feira, em São Bernardo. Ao todo, serão 11 membros da fábrica da região e das unidades de Taubaté, no Vale do Paraíba, São Carlos (interior paulista), Resende (RJ) e São José dos Pinhais (PR). No país, a Volkswagen mantém mais de 25 mil empregados.

A criação do comitê foi definida no 1º Encontro Nacional dos Trabalhadores da Volkswagen, no último final de semana em Ubatuba (litoral norte de São Paulo). Os representantes aprovaram o estatuto do comitê nacional, que agora será entregue à direção da montadora.

Com a nova representação, os trabalhadores passam a contar uma organização em nível nacional para enfrentar problemas semelhantes. "Hoje, temos realidades diferentes em cada uma das plantas", disse Luiz Carlos da Silva, o Luizão, do Comitê Sindical na Anchieta.

Para ele, o comitê nacional é mais um instrumento de luta para fortalecer a luta dos trabalhadores: "Queremos condições mais iguais entre os companheiros nas cinco plantas", assegurou. *(Com material do Diário do Grande ABC e do SMABC)*

Rede de Trabalhadores na Ford

De 09 a 17 deste mês realizou-se o Primeiro Encontro Internacional dos Trabalhadores na Ford reunindo dirigentes sindicais e trabalhadores de São Paulo e da Bahia. Participaram também representantes da Argentina, Canadá, Espanha, EUA, México e Rússia. A atividade contou com o apoio e co-organização da Rede de Mulheres Sindicalistas do México, TEL-Argentina, TIE-Norte América e TIE-Moscou.

Já começaram a surgir os primeiros frutos do Encontro. Foi criada uma rede internacional integrada pelos companheiros

Argentina - Guillermo;

Brasil – Júlio, Monteiro e João Cayres;

Canadá – Richard;

E.U.A - Jim, Judy e Ron;

México – Martin;

Rússia – Aleksei;

Venezuela - Juan.

Para organizar as atividades da rede foi criada uma página na Internet : www.fordworkers.net

A página esta a cargo dos companheiros da TIE-Brasil, que convidam a todos os interessados a contribuírem para a construção do seu conteúdo.

Ford perde nos EUA, mas lucra na América do Sul

Montadora perde participação no mercado da América do Norte

O lucro global da Ford no segundo trimestre caiu 19%. A empresa, segunda maior montadora dos Estados Unidos, atribuiu o resultado às perdas das operações automotivas na América do Norte, provocadas pela queda das vendas naquele mercado. Na América do Sul, por outro lado, a multinacional registrou lucro pelo sexto trimestre consecutivo.

No balanço fechado em Dearborn, sede da companhia nos Estados Unidos, acusou um lucro líquido de US\$ 946 milhões, ou US\$ 0,47 por ação, comparativamente ao US\$ 1,17 bilhão, ou US\$ 0,57 por ação, do mesmo período do ano passado. Analistas apontam a necessidade da empresa se ajustar à queda de vendas e aumento de custos.

O chefe da área financeira, Don Leclair, disse que a empresa trabalha com excesso de capacidade. Há quatro anos, Bill Ford, principal executivo da companhia e bisneto do fundador, Henry Ford, prometeu uma reviravolta da marca ao lançar um plano de revitalização. "Precisamos fazer mais e mais rápido", disse Leclair ontem, em relação ao plano.

Apesar da queda nos lucros, o resultado superou as estimativas dos analistas. A receita subiu para US\$ 44,54 bilhões no segundo trimestre, frente aos US\$ 42,87 bilhões de um ano atrás.

O balanço mundial da Ford mostra que na América do Sul, região em que a operação brasileira tem peso superior a 70%, a companhia obteve um lucro de US\$ 88 milhões no segundo trimestre. Esse valor representa um crescimento de 300% em comparação com o ganho de US\$ 22 milhões em igual período de 2004.

A história de resultados positivos na América do Sul começou no ano passado. O presidente da empresa no Brasil e América do Sul, Antonio Maciel Neto, fez questão de ressaltar, na nota que emitiu ontem à imprensa, que o desempenho chega depois da longa temporada de prejuízos. "É o sexto trimestre seguido de bons resultados, demonstrando que, agora, a Ford tem um negócio robusto na região, depois de 10 anos de prejuízos", disse Maciel no comunicado.

O lucro que a Ford acumula nos seis meses do ano já supera o resultado de 2004 completo. No ano passado, a montadora obteve lucro de US\$ 140 milhões na América do Sul. No primeiro semestre deste ano, os ganhos somaram US\$ 165 milhões.

A receita da operação sul-americana apenas no segundo trimestre totalizou US\$ 1 bilhão. É mais de 50% superior aos US\$ 665 milhões do segundo trimestre de 2004. Em todo o semestre, o avanço da receita foi de 41%, num total de US\$ 1,8 bilhão.

A trajetória de recuperação da Ford no Brasil e na América do Sul tem estreito vínculo com a construção da nova fábrica, em Camaçari (BA), em 2001, que hoje conta com 3.390 funcionários e mais 5.017 pessoas trabalhando nos fornecedores instalados no mesmo terreno. A linha de produção na Bahia passou a trabalhar em três turnos no ano passado.

A nova fábrica veio com uma nova família de carros do modelo Fiesta. E a arrancada para o segundo turno foi dada com o lançamento do EcoSport, por meio do qual a Ford estreou o mercado de utilitários esportivos mais simples, até então inexplorado pelos demais fabricantes.

No mercado brasileiro, no primeiro semestre a Ford cresceu mais que as três montadoras que estão na sua frente, com volume de vendas 24,2% superior a igual período de 2004. (Com agências internacionais) (Marli Olmos, de São Paulo) (*Valor*, 20.07.2005)

GM com prejuízo no trimestre nos EUA e no Brasil

A General Motors, número um no mercado automobilístico mundial, encerrou mais um trimestre de prejuízos, puxados principalmente pelo baixo desempenho nos EUA. De abril a junho, a companhia perdeu US\$ 286 milhões em suas operações mundiais. Em igual período do ano passado, o grupo obteve lucro de US\$ 1,38 bilhão. A subsidiária da GM no Brasil também encerrou o período no vermelho, em parte por causa de prejuízos nas exportações, informou a direção da empresa no País.

Segundo balanço apresentado nesta quarta-feira, a região que compreende América Latina, África e Oriente Médio (Laam) teve lucro de US\$ 33 milhões no segundo trimestre, ante ganhos de US\$ 10 milhões há um ano. Embora não tenha participado financeiramente do desempenho, o Brasil, maior mercado dessa região, foi responsável por 65% das vendas de veículos dos demais países da Laam.

"Tivemos lucro operacional nos negócios no mercado interno, mas prejuízos nas exportações por causa da taxa de câmbio", lamentou o presidente da GM do Brasil e do Mercosul, Ray Young. Segundo ele, o câmbio médio do último trimestre foi de R\$ 2,48, enquanto no ano passado a cotação média estava em R\$ 3,05. "É difícil trabalhar assim", disse.

No semestre, o lucro da GM na Laam soma US\$ 79 milhões, um aumento de 600% em relação aos US\$ 11 milhões obtidos em igual período de 2004. Young espera que, a partir desta segunda metade do ano, o Brasil passe a gerar lucro.

"As vendas domésticas estão melhorando e os produtos lançados recentemente, como o Celta flexível, além daqueles previstos para os próximos meses, como o Vectra, com certeza vão trazer melhor desempenho para a marca", afirmou Young. No primeiro semestre, a participação da GM no mercado brasileiro caiu para 21%, ante 23% em 2004, quando foi líder de vendas no País.

Já o resultado mundial do grupo no primeiro semestre soma prejuízos de US\$ 1,3 bilhão. "Nossa base nos Estados Unidos e América do Norte já não é tão competitiva como antes. Temos de fazer sérios progressos para lutar contra isso", disse o diretor-financeiro da GM americana, John Devine. (Da AE) (*Diário do Grande ABC*, 21.07.2005)

Corruptio optimi pessima est

Leonardo Boff *

Esta expressão latina diz de forma breve uma grande verdade: "a corrupção dos melhores é a pior que existe". Houve corrupção em políticos do PT e em outros, não pontual nem episódica, mas intencionada e planejada. Esse tipo de corrupção, como muitos atestaram, vem sendo praticada há muito pela política convencional de forma sistemática: a criação de caixa dois para financiar campanhas eleitorais e comprar eventualmente votos. Se todos fazem isso (reservado fica o direito da dúvida), o PT não poderia jamais fazer o mesmo. Ele surgiu no cenário histórico com a bandeira da moralidade pública, das mudanças, da centralidade do social e da democratização da democracia. E eis que agora setores importantes do PT resvalaram para a vala comum, desonraram uma história gloriosa, atraíram os que viviam de esperança e deram um tranco formidável na evolução política do Brasil. A corrupção destes melhores é a pior coisa que possa existir. Quem será agora o portador coletivo da ética embora ninguém tenha o monopólio dela? Não dá para reanimar um cadáver. Este tem que ser enterrado.

Graças a Deus que existem pessoas no PT que sempre resistiram às tentações das benesses do poder, que não negociaram com as "más companhias", que sempre alimentaram uma relação orgânica com os movimentos populares e que sempre mantiveram alto teor ético-místico em sua prática política. Estes formam a reserva ética, ganharam, nesta crise, credibilidade e emergem como pontos luminosos de referência. Se não forem escutados, se não ocuparem posições intrapartidárias importantes na reconstrução da figura do Partido é sinal que este não se dispõe a aprender nada da crise e persiste na arrogância e no farisaísmo.

Esta crise ética nos faz pensar. Não é suficiente uma ética social, expressão de um projeto coletivo, representado, por exemplo, pela generosa tradição marxista/socialista. Em função de um bem coletivo e por causa do dinamismo próprio da dialética, há na prática marxista a tendência de justificar deslizes éticos como passos toleráveis para se conseguir certos avanços na luta de classes. A ética pessoal é sacrificada em nome de um fim mais alto.

Esta posição não é esposada pelos cristãos de onde vêm muitos do PT. Se há uma colaboração perene que o cristianismo trouxe ao discurso ético é certamente este: o caráter inegociável da ética pessoal. A razão reside no entendimento da consciência como norma interiorizada da moralidade. Esta interiorização é um fato irreduzível. Não é fruto de algum superego social, nem é eco da voz do dominador externo. Há lá dentro, no íntimo de cada pessoa, uma voz que não se cala, sempre vigilante, aprovando e proibindo, advertindo, aconselhando e dizendo: "não faça isso, faça aquilo". Por mais que psicanalistas, marxistas e outros mestres da suspeita tenham tentado desconstruir essa voz, ela perdura soberana. Sócrates e Kant a chamaram de "voz de Deus em nós". Ela não cessa de falar. Os corruptos do PT e outros não escutaram esta intimidação da consciência. Nenhum projeto de poder, nenhuma vitória eleitoral justifica a desobediência à consciência. E assim, poderão ser punidos pelas leis e muito mais pela própria consciência. Não adianta fugir, ela sempre os perseguirá.

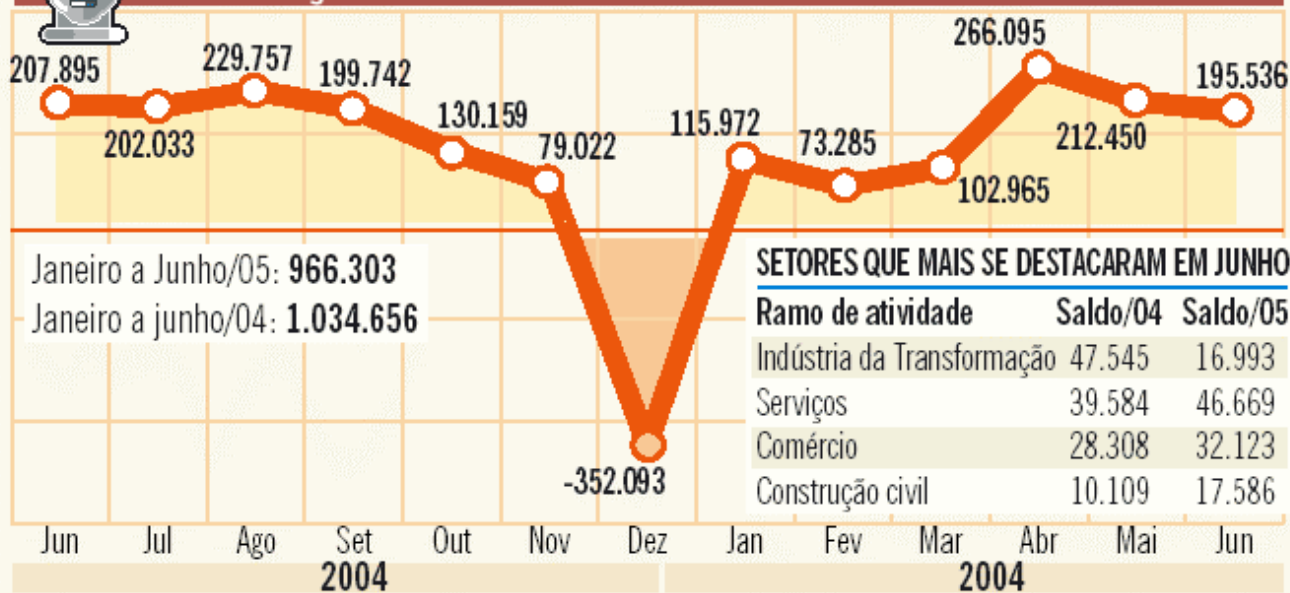
Leonardo Boff , Teólogo

fonte: www.adital.com.br

Sinais de desaceleração



EVOLUÇÃO DO SALDO DO EMPREGO COM CARTEIRA ASSINADA



SETORES QUE MAIS SE DESTACARAM EM JUNHO

Ramo de atividade	Saldo/04	Saldo/05
Indústria da Transformação	47.545	16.993
Serviços	39.584	46.669
Comércio	28.308	32.123
Construção civil	10.109	17.586

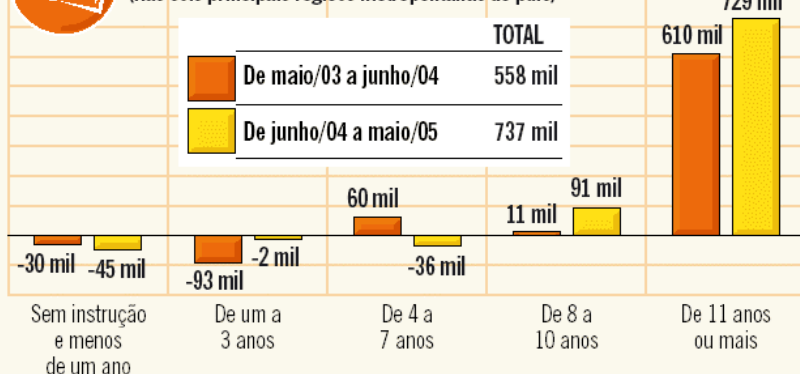
FONTE: Ministério do Trabalho

Conheça o mercado de trabalho



OCUPAÇÃO POR ANOS DE ESTUDO

(Nas seis principais regiões metropolitanas do país)



OS SETORES QUE MAIS ABSORVERAM

(Nas seis principais regiões metropolitanas do país/junho de 2004 a maio de 2005)

Sector	Mais ocupados	Rendimento médio
Serviços domésticos	162.620	R\$ 316,80
Administração pública	137.213	R\$ 1.305,48
Indústria de transformação	109.873	R\$ 968,80
Comércio	103.971	R\$ 765,55
Outros serviços	101.444	R\$ 825,86
Construção civil	83.496	R\$ 692,50
Serviços prestados a empresas	35.341	R\$ 1.314,11
Outras atividades	-14.495	R\$ 821,17



O EMPREGO FORMAL EM TODO O PAÍS

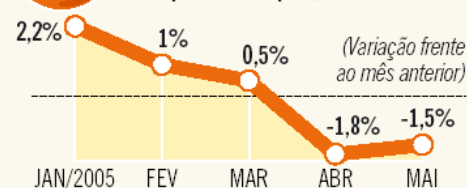
(De junho de 2004 a maio/2005)

Até meio salário-mínimo	15 mil
De meio a um salário	312 mil
De um a 1,5 salário	919 mil
De 1,5 a 2 salários	408 mil
De 2 a 3 salários	57 mil
De 3 a 4 salários	-36 mil
De 4 a 5 salários	-52 mil
De 5 a 7 salários	-66 mil
De 7 a 10 salários	-41 mil
De 10 a 15 salários	-27 mil
De 15 a 20 salários	-10 mil
Mais de 20 salários	-20 mil
Ignorado	9 mil
TOTAL	1.467 mil



RENDIMENTO MÉDIO REAL

(Nas seis principais regiões metropolitanas do país)



Fontes: Organização do economista Marcelo de Ávila, em cima dos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE

(O Globo, 20.07.2005)

Câmbio valorizado cobra seu preço

Paulo Nogueira Batista Jr.

Os economistas são extraordinários e profundos filósofos. Um deles, Prêmio Nobel, teve há muitos anos uma inspiração e declarou: "There is no free lunch" (Não há almoço grátis). Foi uma comoção. A frase é até hoje muito citada.

O leitor dirá: é uma platitude. Não há dúvida. Mas é uma platitude que o governo brasileiro, o Banco Central e os economistas e jornalistas chapa-branca às vezes esquecem (ou fingem esquecer).

A valorização do real, por exemplo, ajudou a diminuir a inflação nos últimos meses. No regime de câmbio flutuante, a variação do valor externo da moeda nacional é um dos mecanismos de transmissão da política monetária. A queda do dólar deprimiu os preços de bens e serviços comercializáveis internacionalmente e, via efeitos sobre os IGPs, conteve também as tarifas de serviços públicos, como energia elétrica e telefonia.

Ótimo. Agora, a conta salgada: deterioração das contas externas e a redução do nível da atividade econômica. As exportações de vários setores industriais (calçados, têxteis, eletroeletrônicos) acusam o impacto da perda de competitividade decorrente da valorização. Nesses setores, os volumes vendidos no exterior estão em queda e contratos de exportação estão sendo cancelados.

Ao mesmo tempo, favorecidas pela valorização do real, as importações de calçados e de outros produtos vêm aumentando rapidamente, o que leva o governo a examinar a possibilidade de elevar tarifas alfandegárias para os níveis consolidados na OMC e estabelecer a exigência de pagamento à vista para diversas importações de bens de consumo. De uma maneira geral, pode-se presumir que a diminuição de rentabilidade decorrente do real forte esteja desestimulando os investimentos nos setores que exportam e também naqueles que concorrem com produtos estrangeiros no mercado doméstico.

Em 2005, os dados agregados de exportação de bens (valor e "quantum" exportados) mostram perda de dinamismo. A taxa de crescimento das exportações totais diminuiu de 33% em 2004 para 25% no acumulado do ano até a terceira semana deste mês. E deve diminuir mais até o final de 2005. A Funcex, por exemplo, estima crescimento de 17% no valor total exportado neste ano em relação a 2004. No caso dos manufaturados, mais sensíveis à taxa de câmbio, já se nota uma desaceleração acentuada nos números referentes a março, abril e maio (ver Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, "Boletim de Comércio Exterior", junho de 2005).

Os resultados só não são piores porque os ventos externos continuam ajudando: a economia mundial cresce em ritmo razoável e, em consequência, a demanda externa e os preços de exportação ainda são bastante favoráveis para o Brasil. Além disso, a desaceleração do investimento e do consumo internos, provocada em grande medida pela política de juros do Banco Central, acaba se traduzindo em desaceleração da demanda por importações e contribuindo assim para que, apesar da valorização do real, não ocorra uma deterioração mais rápida da balança comercial.

Não é só na balança comercial que estão aparecendo os efeitos da valorização cambial. No período janeiro-maio deste ano, as despesas com viagens internacionais aumentaram 61% em comparação com igual período do ano passado. Na mesma comparação, as remessas brutas de lucros e dividendos ao exterior subiram 52%. O real forte ajuda a explicar esses resultados, pois barateia o turismo externo e aumenta o equivalente em dólares dos lucros gerados em reais por empresas estrangeiras.

Na raiz da valorização do real, está o escandaloso diferencial de juros entre o Brasil e o resto do mundo. Em junho, a taxa de curto prazo do Brasil alcançou 14% em termos reais. A média de 39 outros países foi apenas 1%. Nenhum banco central pratica juros reais remotamente comparáveis aos nossos (GRC Visão, "Ranking Juros Reais", junho de 2005).

Por isso, repito: tem que aparecer, urgente, algum Roberto Jefferson, que, empostando a voz de barítono de ópera-bufo, diga à diretoria do Banco Central em alto e bom som: "Saíam daí, senhores, rápido!".

Paulo Nogueira Batista Jr., 50, economista e professor da FGV-EAESP, escreve às quintas-feiras nesta coluna. É autor do livro "O Brasil e a Economia Internacional: Recuperação e Defesa da Autonomia Nacional" (Campus/Elsevier, 2005). (*Folha de São Paulo*, 21.07.2005)

Conselho da Volks aprova saída de Hartz

A Presidência do conselho de supervisão do fabricante alemão Volkswagen aprovou o pedido de demissão do chefe de pessoal da empresa, Peter Hartz, que assumiu a responsabilidade pelo escândalo de subornos e corrupção na cúpula e no comitê de empresa da firma. O primeiro-ministro da Baixa Saxônia, Christian Wulff, comunicou que a direção do conselho administração recomendara a este organismo a demissão de Hartz, algo que se dava como praticamente certo.

Wulff disse que o presidente da Volks, Bernd Pischetsrieder, assumirá temporariamente as funções de chefe de pessoal, e que Hartz não receberá nenhuma indenização por sua saída. Hartz apresentou sua demissão ante as enormes dimensões de um escândalo de tráfico de influências e subornos nos quais estão envolvidos altos funcionários sindicais da companhia e diretores que se aproveitaram de sua posição para obter pedidos através de empresas fictícias.

Entre os envolvidos, o mais destacado é o ex-chefe de pessoal da marca tcheca Skoda Helmuth Schuster. Ele é acusado, entre outras coisas, de criar companhias fantasma para conseguir pedidos do primeiro construtor europeu. Em busca da última responsabilidade sobre este escândalo, a imprensa alemã convocou nos últimos dias Ferdinand Piech, atual chefe do conselho de supervisão e presidente do grupo durante mais de uma década, até ser sucedido por Pischetsrieder em abril de 2002. (EFE) (*Tribuna da Imprensa*, 18.07.2005)

EUA treinam militares do Paraguai

EUA treinam militares do Paraguai; sul-americanos observam alertas

Oficiais americanos começaram na semana passada a treinar militares paraguaios para agir em operações antiterror e de combate ao narcotráfico. Cerca de 400 militares dos EUA estão no país para treinar diferentes unidades paraguaias até o final de 2006, num acordo entre Assunção e Washington que criou polêmica tanto dentro do país sul-americano quanto nos vizinhos.

Nos países vizinhos, a preocupação veio da possibilidade de os EUA obterem a permissão para uma base militar que serviria, em última instância, para intervenções na região de Tríplíce Fronteira ou até mesmo na Bolívia.

O Prêmio Nobel da Paz argentino, Adolfo Pérez Esquivel, disse que, "onde os americanos entram, não saem mais". "E os fatos confirmam isso. Temos exemplos nas bases militares em Manta, no Equador, em Guantánamo, em Cuba, e nas bases instaladas nos países centro-americanos."

Assunção e Washington negam haver qualquer acordo para a instalação de uma base militar americana no país. O acordo atual seria apenas de treinamento das tropas paraguaias, não havendo cláusula nenhuma prevendo uma base. Estima-se ainda que o Paraguai vá comprar armamentos novos dos EUA, mas a quantidade não foi confirmada.

Os ministérios da Defesa e das Relações Exteriores do Brasil afirmam apenas que acompanham a situação atentamente e com preocupação. Diplomatas entretanto mostraram certo estranhamento quanto ao treinamento de tropas para ações de combate ao narcotráfico. No Brasil, a Polícia Militar é responsável por essa área.

No Paraguai, a polêmica maior gira em torno da imunidade dada aos americanos, que não poderão ser julgados por tribunais paraguaios em nenhuma hipótese.

É uma característica dos EUA essa relutância em entregar seus cidadãos, principalmente os militares, para julgamento no exterior. E isso se dá até com os aliados mais próximos, diz o cientista político William Moore, do Centro de Estudos pela Paz, de Londres. Como exemplo, ele cita o caso de três soldados americanos estacionados em Okinawa, Japão, acusados de estuprar uma menina japonesa de 12 anos, em 1995. Só após raivosas manifestações populares e passeatas dos japoneses, Washington concordou em mudar o status de suas tropas no país asiático, permitindo a entrega às autoridades locais daqueles americanos que cometessem crimes em solo japonês.

Pelo acordo com Assunção, crimes comuns cometidos pelos instrutores americanos no Paraguai só podem ser julgados por uma corte marcial americana. (Rodrigo Uchôa, De São Paulo) (*Valor Econômico*, 20.07.2005)

CNM-Internacional é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada
Secretário Geral da **CNM** : Fernando Lopes
Jornalista Responsável : Antonio Carlos Castro (MTb 36.741/SP)
internacional@cnmcut.org <http://www.cnmcut.org.br>